

A Copa do Mundo de Futebol Feminino de 1991 nas páginas do *Jornal do Brasil*: expectativas, conflitos e perspectivas

The 1991 Women's World Cup in the pages of *Jornal do Brasil*:
expectations, conflicts and perspectives

Victor Hugo Gonçalves Batista

Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutorando em História, Política e Bens Culturais, FGV
victorhugobatista@id.uff.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a cobertura da Copa do Mundo de futebol feminino de 1991 realizada pelo *Jornal do Brasil*. O periódico realizou uma cobertura completa do evento por meio do jornalista Oldemário Touguinhó, que viajou à China para realizar reportagens sobre a competição. Considerando o jornalismo como uma atividade produtora de sentidos, a ideia deste trabalho é compreender quais foram os significados produzidos a respeito da participação da seleção brasileira na competição. O estudo está atrelado a perspectiva da História Cultural e dos estudos de gênero. A partir da pesquisa, concluiu-se que as representações midiáticas enfatizaram as diferenças entre as brasileiras e europeias/estadunidenses, destacando principalmente aspectos vinculados à preparação, experiência e infraestrutura. Além disso, destacou-se que a campanha da seleção nacional foi marcada por conflitos entre jogadoras, comissão técnica e dirigentes. Apesar das divergências, após a eliminação formou-se um consenso de que era necessário instituir uma seleção permanente e incentivar a prática da modalidade nas escolas para que o esporte pudesse se desenvolver no país.

PALAVRAS-CHAVE: Copa do Mundo de Futebol Feminino; Seleção brasileira de futebol feminino; *Jornal do Brasil*.

ABSTRACT: This article aims to analyze the coverage of the 1991 Women's Football World Cup by *Jornal do Brasil*. The newspaper carried an extensive coverage of the event through journalist Oldemário Touguinhó, who traveled to China to report on the tournament. Considering journalism as a meaning-producing activity, the idea of this work is to understand what meanings were produced regarding the participation of the Brazilian national team in the tournament. The study is linked to the perspective of Cultural History and gender studies. The research concluded that media representations emphasized the differences between Brazilian and European/American players, highlighting mainly aspects related to preparation, experience, and infrastructure. In addition, it was highlighted that the national team's campaign was marked by conflicts between players, coaching staff, and directors. Despite the divergences, after the elimination, a consensus was formed that it was necessary to establish a permanent national team and encourage the practice of the sport in schools so that it could develop in the country.

KEYWORDS: Women's World Cup; Brazilian women's national soccer team; *Jornal do Brasil*.

INTRODUÇÃO

No mundo do esporte, o ano de 1970 é lembrado pelo título do tricampeonato mundial da seleção brasileira de futebol masculino, com uma equipe que é considerada por alguns como a melhor seleção de todos os tempos.¹ No entanto, um outro evento marcante aconteceu naquele ano: o primeiro Campeonato Mundial de futebol feminino. O campeonato que contou com oito seleções e foi vencido pela Dinamarca aconteceu na Itália e foi organizado pela Federação Internacional Europeia de Futebol Feminino. Nem a Federação Internacional de Futebol (FIFA), tão pouco a União das Associações Europeias de Futebol (UEFA) reconheceu o torneio.²

No ano seguinte, em 1971, outro Mundial feminino foi realizado no México. Nesta competição, sete seleções participaram e novamente a Dinamarca ficou com o título. Mesmo não possuindo uma seleção de futebol de mulheres, pois a modalidade era proibida no país naquele contexto, o Brasil foi convidado para participar dos dois campeonatos, conforme matérias publicadas pelo *Jornal dos Sports*³ e pelo *Jornal do Brasil*.⁴ Apesar de não ter participado jogando, o Brasil foi representado no Mundial de 1971 pela árbitra brasileira Léa Campos, que apitou a partida entre México e Itália. Vale destacar que João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) naquele contexto, não queria fornecer o diploma de árbitro a Léa, mesmo após ela ter concluído e sido aprovada no curso de formação de arbitragem da Federação Mineira de Futebol, simplesmente por ela ser mulher. Havelange acabou tendo que conceder o diploma a Léa, pois ela conseguiu uma carta do presidente Médici orientando-o a entregar o diploma a que ela fazia jus.⁵

Apesar da FIFA não ter reconhecido nenhum dos dois campeonatos, a realização deles fez com que a instituição modificasse a sua visão e postura em relação ao futebol de mulheres. Poucos anos antes, a entidade esportiva recomendava as

¹ MAGALHÃES; CORDEIRO. O poder na torcida: consenso, futebol e ditadura no Brasil (1970) e na Argentina (1978), p. 2.

² SILVA. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)*, p. 44.

³ Uma Copa Furada, *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 1 de março de 1970, p. 5.

⁴ Futebol feminino: mais um título? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 e 24 de maio de 1971, Revista de Domingo, p. 6.

⁵ MEDINA. Depoimento de Asaléa de Campos Fornero Medina (Léa Campos) ao Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte Escola de educação Física da UFRGS.

federações filiadas a adotarem prudente reserva com a prática. Após a realização dos campeonatos ela passou a encarar o futebol feminino como uma realidade universal e a instruir às federações nacionais a assumirem o controle da modalidade em seus países, sob o argumento de que empresários inescrupulosos poderiam transformar a prática em um espetáculo circense.⁶ Na contramão do que recomendava a FIFA, o CND manteve a sua postura reafirmando a proibição em um ofício enviado à Federação Paulista de Futebol.⁷

Embora a FIFA tenha mudado a postura em relação ao futebol feminino, a entidade demorou alguns anos para promover uma competição da modalidade. Foi apenas em 1988 que ela organizou o Campeonato Mundial Experimental na China, o qual seria um teste para a realização de uma Copa do Mundo. O torneio contou com uma média de público de mais de quatorze mil pessoas e se desenvolveu com sucesso.⁸ Por isso, a instituição passou a promover a cada quatro anos a Copa do Mundo de futebol feminino a partir de 1991. Ironicamente, foi João Havelange, o mesmo que não queria conceder o diploma de árbitra para Léa Campos, o responsável por promover os primeiros Mundiais de futebol feminino da FIFA enquanto presidente da instituição. Pode até ser que Havelange tenha mudado o seu pensamento em relação à presença das mulheres no futebol, mas também é fato que assumir o controle da modalidade fazia parte de um projeto de poder que poderia trazer ganhos para a instituição, não só financeiros, mas também políticos.

A ideia de realização de um campeonato mundial de futebol feminino pela FIFA começou a aparecer nos jornais no início da década de 1980. O presidente da entidade, João Havelange, passou a dar declarações à imprensa de que a FIFA realizaria a Copa do Mundo feminina e a recomendar às instituições esportivas nacionais a regulamentarem a modalidade, conforme publicado pelo *Jornal dos Sports*.

⁶ BATISTA. *Entre a proibição e a primeira seleção: representações de gênero no futebol de mulheres (1965-1988)*, p. 67.

⁷ SILVA. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista*, p. 57.

⁸ CABRAL; GOELLNER. *As pioneiras pedem passagem: memórias do Torneio Experimental da China (1988)*.

Recomendo - prosseguiu Havelange - a regulamentação do futebol feminino no Brasil o mais rápido possível, para que possa participar do mundial que a FIFA realizará. Não posso me meter nos assuntos do CND, mas acho que seria bom para o próprio país participar desta competição.⁹

As modalidades esportivas que foram proibidas para as mulheres no Brasil desde 1941 passaram a ser permitidas com a deliberação número 10 do CND, em 1979. O documento, contudo, estabelecia que:

01. As mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

02. A permissão a que se refere o item I, desta deliberação, só é aplicável quando a entidade internacional realizar a prática do desporto pelas mulheres, em seus campeonatos ou torneios oficiais.¹⁰

A FIFA, entidade internacional do futebol, não havia realizado ainda campeonatos ou torneios oficiais de futebol feminino. Assim, levando em consideração o item dois da deliberação, o futebol feminino não seria permitido ainda. O CND, então, restringiu a prática do futebol pelas mulheres nos clubes filiados e nos campos considerados oficiais.¹¹ Porém, a modalidade se desenvolveu em outros locais, como por exemplo na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, onde foram realizados campeonatos patrocinados por marcas famosas e que contaram com grande público.¹²

A partir das declarações de Havelange, os dirigentes do CND, general César Montagna, e da CBF, Giulitte Coutinho, passaram a se manifestar favoravelmente à regulamentação do futebol feminino, mas ao mesmo tempo não mostraram disponibilidade para efetivá-la, constituindo assim um “jogo do empurra”, no qual um jogava para o outro a responsabilidade pela regulamentação.¹³ Após uma série de debates que circularam na imprensa entre os anos de 1982 e início de 1983, o futebol feminino foi regulamentado pelo CND em abril de 1983, seguindo o que já havia sido

⁹ Regulamentar o futebol feminino: um objetivo. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 14 maio 1982, p. 7.

¹⁰ BRASIL, Conselho Nacional de Desportos. Normas Básicas sobre Desportos. Deliberações 1979. Rio de Janeiro, 1981. Apud Silva. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista*, p. 79.

¹¹ SILVA. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista*, p. 95.

¹² ALMEIDA. *Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980*, p. 71.

¹³ HAAG. “O futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele”: o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil (1983-2023), p. 87.

aprovado pela UEFA. Um dos destaques da regulamentação foi a proibição ao profissionalismo, tendo em vista que o presidente do CND considerava que: “o futebol feminino terá que passar por um estágio de desenvolvimento, como aconteceu com o masculino, até adquirir condições de ser profissionalizado”.¹⁴ Além disso, a modalidade foi dividida em duas categorias: Juvenil entre 14 e 18 anos, e Adulto, acima de 18 anos. Essa divisão é bastante problemática, tendo em vista que impossibilita a formação de categorias de base com jogadoras mais novas.¹⁵

Nem a opção pelo amadorismo e nem a divisão da modalidade em duas categorias impediu que o futebol feminino se desenvolvesse ao longo da década de 1980. Com a regulamentação, campeonatos passaram a ser organizados pelas federações estaduais e clubes tradicionais montaram equipes. No Rio de Janeiro, por exemplo, Bangu, Madureira e Bonsucesso disputaram o campeonato estadual. Mas foi o Radar, dirigido por Eurico Lira, um dos principais personagens da história do futebol feminino no Brasil, o clube que mais se destacou naquele contexto, vencendo por cinco vezes seguidas o campeonato carioca e a Taça Brasil, que era um torneio entre os campeões estaduais da categoria. A equipe foi a base da seleção brasileira que disputou o Mundial Experimental em 1988 e Eurico Lira foi o chefe da delegação. Após essa competição, no entanto, o clube teve as suas atividades encerradas.¹⁶ Dessa forma, após o *boom* do futebol feminino na década de 1980, a partir dos anos 1990 a modalidade entrou em um processo de declínio e estagnação, de modo que os campeonatos deixaram de ser organizados e as equipes se desmantelaram.¹⁷

Mesmo nesse cenário, a CBF organizou uma seleção que disputou e venceu o campeonato Sul-Americano de 1991, garantindo a única vaga da América do Sul para a primeira Copa do Mundo organizada pela FIFA. Diante disso, levanta-se algumas questões: como foi a cobertura feita pela imprensa desse campeonato? Quais foram os significados produzidos a partir das notícias da competição? A partir destes questiona-

¹⁴ Montagna: Futebol feminino é amador. *O Fluminense*, Niterói, 4 fev. 1983, p. 13

¹⁵ PESSANHA. *Nem Evas, nem Marias: as mulheres no futebol brasileiro (1941-1983)*, p. 151.

¹⁶ FERNANDES. *O paradoxo está em jogo: as representações da mídia impressa sobre a seleção brasileira feminina de futebol na década de 1990*, p. 37.

¹⁷ GABRIEL. *A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizada pelo caderno de esporte da folha de S. Paulo (1991-2011)*, p. 153.

mentos serão analisadas as notícias veiculadas pelo *Jornal do Brasil* sobre o Campeonato Mundial de 1991. A escolha por esse periódico acontece pelo fato de ter realizado uma cobertura completa do evento, por meio do jornalista Oldemário Touguinhó, o qual viajou para a China a fim de trazer as notícias da competição. Vale ressaltar que ele foi um dos principais jornalistas brasileiros do século XX, tendo realizado a cobertura de dez Copas do Mundo de futebol masculino entre 1962 e 1998 pelo *Jornal do Brasil* e ganhado dois prêmios Esso de Informação Esportiva, em 1981 e 1983. Foi colaborador de O Estado de São Paulo e do Jornal da Tarde por 36 anos e autor dos livros “As Copas que eu vi” e “Maracanã: onde todos são iguais”.¹⁸

Em relação à perspectiva teórico-metodológica, é assumida a perspectiva de Viviane Borelli para a análise das notícias. Ela compreende o jornalismo como uma atividade produtora de sentidos, de modo que: “Nessa perspectiva, cada jornal produz o seu próprio acontecimento, engendrando uma noção particular de realidade”.¹⁹ Além disso, o jornal é compreendido como fonte e como objeto de pesquisa, tendo em vista a compreensão de que a imprensa é um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social.²⁰ Nessa lógica, o esporte é para a mídia muito mais do que a ocorrência do fato em si (o jogo dentro de campo). Existe uma pré-agenda, que é a preparação para o jogo ou competição e uma pós-agenda, que são as repercussões do acontecimento.²¹ Assim, este trabalho buscará compreender quais eram as expectativas do *Jornal do Brasil* a respeito da participação brasileira na Copa do Mundo, como as preparações e os resultados dos jogos foram noticiados e, por fim, como o periódico lidou com a eliminação brasileira ainda na primeira fase.

Este trabalho também está ancorado na concepção de Roger Chartier, o qual compreende que as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses de grupos ou sujeitos que as forjam, não havendo neutralidade no seu processo de construção.²² A partir dessa noção, rompe-se com a ideia da imparcialidade jornalística, tendo em vista que as representações midiáticas estão diretamente relacionadas a disputas, interesses e relações de poder.

¹⁸ NEVES. Oldemário Touguinhó: Ex-jornalista esportivo.

¹⁹ BORELLI. Jornalismo como atividade produtora de sentidos, p. 7.

²⁰ LUCA. História dos, nos e por meio dos periódicos, 2005.

²¹ BORELLI. O esporte como construção específica no campo jornalístico, 2002.

²² CHARTIER. *A História Cultural: entre práticas e representações*.

A PRÉ-AGENDA: O QUE ESPERAR DO BRASIL NA COPA?

Nas últimas Copas do Mundo de futebol feminino (2019 e 2023), que receberam cobertura significativa da mídia, pode-se dizer que existia uma cautela maior no discurso jornalístico quanto às expectativas de conquista do título pela seleção, de maneira que se desenvolveu um sentimento de esperança com o título, mas controlado ao se ponderar a força das adversárias. E na primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino da FIFA, quais foram as expectativas criadas pela imprensa em relação a participação da seleção nacional?

Gabriel menciona que a *Folha de São Paulo* colocou a seleção brasileira na condição de favorita ao título do Mundial de 1991, utilizando como argumento as vitórias conseguidas pelo Radar na Espanha em 1982²³ e a conquista do Campeonato Sul-Americano, em 1991. Além disso, o fato de os clubes de futebol feminino estarem desativados teria facilitado o trabalho, pois possibilitou que as jogadoras ficassem treinando por um período de dois meses. Ao analisar o conteúdo da notícia, o pesquisador comenta que atribuir favoritos ao título fazia parte do *habitus* dos jornalistas esportivos.²⁴ O ponto é que os argumentos utilizados pelo jornalista para atribuir o favoritismo a seleção brasileira são um tanto quanto questionáveis, mas ainda assim nenhum tipo de indagação foi realizado. No livro *As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer*, de Silvana Goellner e Juliana Cabral (2022), a goleira Meg, que participou da competição, ao contrário da notícia, relatou: “Nós fomos para o Mundial como um dos patinhos feios porque estávamos iniciando”.²⁵

Um dia antes da seleção brasileira de futebol feminino iniciar a viagem para a disputa da Copa do Mundo na China, o *Jornal do Brasil* publicou uma notícia intitulada “Meninas embarcam para o Mundial de futebol”, seguida por um texto e uma foto da

²³ Em 1982, o Radar fez uma excursão para a Espanha a fim de disputar partidas beneficentes e obteve sucesso, tendo em vista que venceu todos os jogos que disputou, além de ter gerado grande repercussão na imprensa. De acordo com Giovana Capucim e Silva, a imprensa paulista que pouco noticiava sobre o Radar trouxe informações sobre os jogos realizados pelo Clube na Espanha. Apesar de não possuir relação direta com a Copa do Mundo de Futebol Masculino, as datas das partidas disputadas pelo Radar parecem ter sido escolhidas estrategicamente, por serem dias antes do início da competição e no mesmo país.

²⁴ GABRIEL. *O futebol da seleção brasileira feminina: uma análise das coberturas esportivas da “Folha de S. Paulo” (1991 – 2016)*, p. 35.

²⁵ CABRAL; GOELLNER. *As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer*, p. 40.

jogadora Marilza, chamada de Pelé feminino. A comparação entre mulheres que jogavam futebol com homens era uma prática recorrente do jornalismo desde pelo menos a década de 1960. Analisando a prática do futebol como um ato performático e levando em consideração o conceito de performance de gênero de Judith Butler,²⁶ pode-se dizer que, assim como existem padrões ideais de performances a serem seguidos na sociedade por homens e mulheres, no futebol também existe esse padrão, o qual varia de acordo com a posição do jogador. Nesse sentido, é possível dizer que em cada contexto histórico existem jogadores (homens) “padrões” e as jogadoras que se aproximavam deles no estilo de jogo eram comparadas pela imprensa.



Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 8 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 15.

Em seu texto, o jornalista Oldemário Touguinhó destacou a preparação realizada pela seleção e trouxe falas do treinador Fernando Luís:

Credenciada pelo terceiro lugar no Torneio Internacional da China, em 1988, a seleção brasileira de futebol feminino embarca para Punyu, na China, para disputar o 1º Campeonato Mundial de Futebol Feminino organizado pela FIFA.

²⁶ BUTLER. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*.

“Não podemos usar o corpo a corpo para vencer. As adversárias são bem mais fortes. Na técnica somos melhores. Isso será o nosso trunfo no Mundial”.

“Os nossos adversários na China estão bem treinados. Constantemente estão jogando. Nós, ao contrário, paramos quase três anos. Por isso, vamos usar a nossa velocidade e habilidade para chegar ao gol”.²⁷

Diferentemente da *Folha de São Paulo*, analisada por Gabriel (2020), o *Jornal do Brasil* não colocou o Brasil na condição de favorito, mas destacou o terceiro lugar conquistado no Mundial Experimental de 1988 como um elemento positivo. Além disso, o técnico da seleção, Fernando Luís, mencionou o uso da técnica, velocidade e habilidade, em contraposição a força física das adversárias. Tais elementos técnicos estão associados ao estilo de jogo conhecido como futebol-arte, o qual é caracterizado pelo drible, improviso e ofensividade, se opondo ao futebol-força praticado pelos europeus, que tem como característica um jogo mais tático e rígido. A concepção de futebol-arte foi construída pela imprensa e por intelectuais e passou a ser associada à identidade nacional brasileira em função da maneira como os jogadores e as seleções brasileiras masculinas desempenharam a prática futebolística ao longo da história.²⁸ Dessa forma, na perspectiva do técnico da seleção, as chances de sua equipe estavam atreladas a aplicação do futebol-arte, pois no futebol-força as adversárias seriam melhores.

O *Jornal do Brasil* também noticiou a chegada da seleção brasileira à China para a participação no Mundial após uma viagem de mais de 24 horas e o jornalista Oldemário Touguinhó destacou a precariedade e os problemas da viagem. Na matéria intitulada “Brasil chega com sono e sem roupa”, ele abordou problemas enfrentados pela jogadora Marilza, chamada de Pelezinha:

“Clareia e escurece, clareia e escurece, e eu não durmo”, queixou-se Pelezinha, que além do cansaço de noites mal dormidas, cochilos em bancos de aeroportos e alimentação precária, tinha outro motivo para não estar alegre, perdeu todo o seu dinheiro, cerca de US\$ 120.

O problema de Pelezinha foi logo resolvido pela chefe da delegação, Roseline Gomes. “Vou reembolsá-la em parte do dinheiro pois precisamos dela muito tranquila para os jogos”, disse. Outro, bem mais sério, não pôde ser resolvido. É que cinco sacos de material de treino sumiram e de

²⁷ Oldemário Touguinhó, Meninas embarcam para o mundial de futebol, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 de nov. 1991, 1^o Caderno, p. 15).

²⁸ MOSTARO. *Futebol, identidade nacional e construções midiáticas: o futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde*.

nada adiantou Roseline exibir os bilhetes de bagagem aos funcionários da Swissair. O sumiço dos sacos levou o coordenador da seleção, Eurico Lira, a passar mal e ser medicado no departamento médico do aeroporto.

As jogadoras que não trocaram de roupa desde que saíram do Brasil, vão treinar hoje de manhã com o uniforme da viagem.²⁹

A partir dessa notícia, é possível perceber o total descaso da Confederação Brasileira de Futebol com as jogadoras que viajaram à China para representar o país no Mundial. A CBF possuía condições financeiras para pagar um voo fretado para a China, a fim de poupar as jogadoras do desgaste de uma viagem com longas escalas. Outro ponto que chama atenção na notícia é a alimentação precária. Atletas de alto rendimento necessitam de uma alimentação balanceada, tendo em vista que a nutrição impacta diretamente no desempenho físico. A CBF, porém, agiu de maneira totalmente negligente e não proporcionou o mínimo para as atletas, que era uma alimentação de qualidade ao longo da viagem. O fato de as jogadoras terem que treinar com a mesma roupa da viagem, que estavam vestidas há mais de 24 horas, desde que saíram do Brasil, também é algo inconcebível, mesmo com o sumiço dos sacos de material de treino. A CBF poderia ter comprado roupas de treino em alguma loja de material esportivo para que as jogadoras pudessem treinar de maneira confortável. No que diz respeito ao reembolso a Pelezinha, que perdeu o dinheiro que havia levado, parece ter sido uma iniciativa individual de Rosilene Gomes, chefe da delegação brasileira, para que ela ficasse tranquila para os jogos, e não da CBF enquanto instituição, que na teoria deveria ser responsável pelas atletas.

Antes da estreia da seleção no campeonato, o *Jornal do Brasil* publicou mais uma notícia intitulada “Futebol feminino entra em campo para o Mundial”, que era seguida por uma foto de uma jogadora com a seguinte descrição: “O Brasil da atacante Adriana é uma incógnita e pode ameaçar as favoritas norte-americanas”. De acordo com a matéria, as favoritas ao título eram Estados Unidos, Alemanha e Noruega, mas a seleção do Brasil e da Nigéria não podiam ser desprezadas, por existirem poucas informações do quanto essas equipes podiam render internacionalmente. A perspectiva da comissão técnica brasileira em relação ao desempenho da seleção

²⁹ Oldemário Touguinhó, Brasil chega com sono e sem roupa, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 15.

pode ser resumida com o trecho da notícia que diz: “[...] há, de início, o pensamento de passar de fase de qualquer forma. Até mesmo o terceiro lugar serve. Depois, como os jogos são eliminatórios, o técnico Fernando Pires confia na habilidade de suas meninas para ir em frente”.³⁰ De acordo com o regulamento da competição, a primeira fase seria composta por três grupos compostos por quatro equipes dos quais se classificariam os dois mais bem colocados de cada grupo e os dois melhores terceiros entre todos os grupos. Assim, o favoritismo concedido à seleção brasileira pela *Folha de São Paulo*, conforme foi observado por Bruno Gabriel, não se manifestou no *Jornal do Brasil*.

A coluna de esportes do *Jornal do Brasil* concedeu praticamente uma página inteira para a notícia de abertura da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 1991.



Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 17 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 33.

O jornalista Oldemário Touguinhó destacou que a festa de abertura do Mundial não deixou nada a dever para a Copa do Mundo de Futebol Masculina realizada

³⁰ Oldemário Touguinhó, Futebol feminino entra em campo para mundial, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 de nov. 1991, p. 16.

no ano anterior, na Itália, contando com um público de cem mil pessoas que assistiram a uma queima de fogos que durou vinte minutos, a abertura da solenidade pelo presidente da FIFA, João Havelange e a vitória da China por 4 a 0 sobre a Noruega. A matéria, contudo, não se limitou a falar sobre a abertura do evento. Touguinhó destacou a importância de a seleção brasileira vencer na estreia:

Como os outros adversários são as fortes equipes de Estados Unidos e Suécia, vencer o Japão é fundamental.

O técnico Fernando Pires só teme a falta de experiência internacional das brasileiras.

E as conversas após o treino tiveram como mote um trabalho mais psicológico, preparando as jogadoras para enfrentar um estádio cheio.³¹

Essa questão da inexperiência internacional e do trabalho psicológico realizado, pode ser associada ao que Bruna Fernandes compreendeu como o complexo de vira-latas na seleção feminina.³² O complexo de vira-latas foi estabelecido por Nelson Rodrigues como um sentimento de inferioridade do brasileiro frente às coisas estrangeiras.³³ No futebol, em muitas oportunidades o jogador brasileiro foi tratado tanto pela imprensa quanto pela sociedade, como inferior psicologicamente do que o europeu, que seria mais “frio” no momento de tomar as suas decisões dentro de campo. Nessa lógica, a compreensão da comissão técnica brasileira de que as jogadoras necessitavam de um trabalho psicológico caminha na esteira desse tipo de pensamento, que concebe o jogador (a) brasileiro como frágil psicologicamente.

Em outra parte da matéria, o jornalista faz um balanço do futebol feminino no Brasil como “Uma história de altos e baixos”, destacando que a equipe do Radar acumulou títulos na melhor fase do futebol feminino no país, mas entrou em decadência após o Mundial Experimental de 1988. Oldemário ainda escreveu sobre os contrastes entre as jogadoras da seleção no que diz respeito ao aspecto econômico e usou como exemplo as jogadoras Adriana, que morava em Ipanema, era filha de um técnico da Petrobrás bem remunerado e havia estudado jornalismo nos Estados Unidos e Marilza, chamada de Pelezinha, que teve que passar por um processo de superalimentação em função da subnutrição. Por conta dessas diferenças entre as

³¹ Oldemário Touguinhó, Festa chinesa abre mundial feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 33.

³² FERNANDES. *O paradoxo está em jogo*, p. 56.

³³ PINHO. Futebol, nação e o homem brasileiro: o complexo de vira-latas de Nelson Rodrigues, p. 152.

jogadoras, Touguinhó escreveu que “A seleção feminina de futebol é uma espécie de microcosmo da sociedade do país”.³⁴

A CAMPANHA DA SELEÇÃO BRASILEIRA: ENTRE FÉ, ESPERANÇA E CONFLITOS

A seleção brasileira venceu o seu primeiro jogo na Copa do Mundo contra o Japão por 1 a 0. Porém, a notícia que trouxe a informação da vitória não foi em tom comemorativo, mas de preocupação com as próximas adversárias, as estadunidenses.

A partida de hoje, às 9h45min (horário de Brasília), é contra a equipe dos Estados Unidos, que além de ser considerada a principal favorita do Mundial, apresenta uma organização tão perfeita que o Brasil está - podemos dizer sem medo de errar - no *terceiro mundo* do esporte.

Da mesma forma que o Brasil leva para as copas masculinas uma delegação que inclui até cozinheiro, os Estados Unidos trouxeram para a China toda a infra-estrutura necessária para que não falte nada às suas meninas.³⁵

O termo terceiro mundo, termo hoje em dia considerado ultrapassado, era usado para se referir aos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento que não se aliaram com os países capitalistas ou socialistas no contexto da guerra fria. Já o termo países de primeiro mundo era usado para descrever países com alto nível de desenvolvimento econômico e social. Assim, o Brasil é colocado pelo jornalista como um país de terceiro mundo no futebol feminino, visto que, comparado aos Estados Unidos, estava em um estágio inferior de desenvolvimento.

A superioridade dos Estados Unidos se confirmou dentro de campo, tendo em vista a vitória sobre as brasileiras por 5 a 0. De acordo com Touguinhó, a seleção entrou em crise após a derrota e aconteceu uma cisão no grupo, visto que: “Algumas jogadoras reclamaram que o coordenador da delegação, Eurico Lira, *patrono* do Radar, deveria assumir a equipe e não deixar a responsabilidade por conta do técnico Fernando Pires.³⁶ Apesar disso, as brasileiras acreditavam que poderiam alcançar a classificação vencendo ou empatando o último jogo da primeira fase contra a Suécia.

³⁴ Oldemário Touguinhó, uma história de altos e baixos, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 33.

³⁵ Oldemário Touguinhó, Brasil muda time contra os EUA, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 15.

³⁶ Oldemário Touguinhó, EUA vencem de 5 a 0 e Brasil entra em crise, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1991, 1º Caderno, p. 14.

Segundo Oldemário Touguinhó, as jogadoras colocaram uma mensagem no quadro de avisos do terceiro andar do hotel onde estavam hospedadas com a frase: “Se Deus é por nós, quem será contra nós”.³⁷ Para melhorar o desempenho, o jornalista menciona que as jogadoras decidiram mudar por conta própria o esquema de jogo e, além disso, destaca os conflitos entre o técnico Fernando Luís e o coordenador Eurico Lira.

Para reforçar a fé na vitória, as jogadoras resolveram assumir a responsabilidade do esquema tático. “Vamos jogar como jogávamos antes, marcando pressão, na saída de bola, e fazendo a linha do impedimento”, decidiram, contrariando a orientação do técnico Fernando Luis, de marcar o time adversário na intermediária.

[...] Mas, se o ambiente entre as jogadoras é de união em torno de um objetivo, na comissão técnica a guerra continua.

De um lado, o coordenador Eurico Lira. Do outro, o técnico Fernando. Este afirma que Eurico deveria ser o técnico do time, mas não quer assumir a responsabilidade. Eurico, por sua vez, afirma que errou ao não ter assumido a seleção sozinho. “As garotas não têm culpa de nada. O problema é que o técnico não conseguiu arrumar o time”.³⁸

Para compreender a situação, é importante considerar que a maioria das jogadoras que faziam parte do elenco da seleção já haviam jogado juntas no Radar e foram vitoriosas jogando sob um tipo de esquema tático. Sendo assim, acreditavam que retomando o modelo de jogo que estavam habituadas teriam mais chances de obter sucesso. Na notícia citada anteriormente, contudo, o jornalista expôs uma cisão no grupo, mas nesta ele menciona que o ambiente entre as jogadoras seria de união em torno de um objetivo, indicando que teriam conseguido resolver os problemas causados pela derrota para os Estados Unidos. Em relação ao conflito entre o treinador e o coordenador, cabe salientar que por ter trabalhado com a maior parte do elenco da seleção enquanto presidente do Radar, Eurico Lira acreditava saber qual seria a melhor forma de organizar o time e passou a colocar em xeque as escolhas de Fernando Luís, criando um clima de instabilidade e desconfiança entre jogadoras e comissão técnica.

A seleção brasileira foi eliminada na primeira fase e o *Jornal do Brasil* trouxe a informação com o seguinte título: “Derrota elimina Brasil do Mundial feminino”.

³⁷ Oldemário Touguinhó, Futebol feminino muda esquema contra a Suécia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 17

³⁸ Oldemário Touguinhó, Futebol feminino muda esquema contra a Suécia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 17.

De acordo com Oldemário Touguinhó: “De nada adiantou o esforço e a garra apresentadas pela seleção de futebol feminino do Brasil, na partida de ontem contra a Suécia”.³⁹ Em seguida, o jornalista complementou escrevendo que as brasileiras perderam por 2 a 0 e foram eliminadas pelas chinesas de Formosa (Taiwan), que tiveram um melhor *gol average*.⁴⁰ Em relação a mudança do esquema tático aplicado pelas brasileiras, Touguinhó apontou que:

A escalação do time brasileiro pelas próprias jogadoras mostrou-se uma decisão acertada. Com disposição invejável, a seleção encurralou as suecas que poucas vezes puderam passar do meio campo no primeiro tempo. Apesar do domínio, o Brasil não conseguiu marcar, embora tenha tido três boas oportunidades, através de Rosa, Cenira e Roseli.⁴¹

Logo em seguida, complementou descrevendo os gols da Suécia. O primeiro, de acordo com o jornalista, foi marcado de pênalti, o qual foi questionado pelas brasileiras e o segundo aconteceu por meio de um chute de fora da área que teria pegado a goleira Meg adiantada. Porém, mais uma vez, o destaque da notícia ficou por conta dos atritos entre o técnico e o coordenador da seleção. Segundo Oldemário:

A desclassificação reacendeu as divergências entre o treinador Fernando Pires e o coordenador da seleção, Eurico Lira. Antes da partida, para dar um ar de união e manter um mínimo de bom clima para o jogo, os dois chegaram a fazer uma palestra no vestiário, com incentivos para equipe. Após o jogo, porém, Lira voltou a acusar Pires, com apoio de um grupo de atletas, de nunca ter definido um time e um estilo de jogo para seleção. O técnico rebateu, com apoio de outro grupo de jogadoras, acusando o dirigente de tentar dirigir a equipe em seu lugar.⁴²

Se na matéria anterior dava a impressão de que as jogadoras haviam resolvido as divergências e estavam unidas, nesta fica claro que existia uma divisão no elenco, de maneira que um grupo se colocou ao lado de Eurico e outro ao lado de Fernando. Como já foi mencionado, Lira já havia trabalhado com uma parte das jogadoras do

³⁹ Oldemário Touguinhó, Derrota elimina Brasil do Mundial Feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 15.

⁴⁰ Gol average é um cálculo que divide o número de gols marcados por um time pelo número de gols sofridos. Esse método de desempate, porém, não é mais aplicado no futebol.

⁴¹ Oldemário Touguinhó, Derrota elimina Brasil do Mundial Feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 15.

⁴² Oldemário Touguinhó, Derrota elimina Brasil do Mundial Feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 15.

elenco da seleção no Radar, de modo que com algumas possuía um bom relacionamento e com outras nem tanto.⁴³ O fato é que as relações que as atletas tiveram com Eurico no passado condicionaram a posição delas no conflito envolvendo o dirigente e o treinador, fazendo com que algumas ficassem ao seu lado e outras não.

PÓS-AGENDA: AS JUSTIFICATIVAS DA ELIMINAÇÃO E O QUE ESPERAR DO FUTURO DA SELEÇÃO

De acordo com Simoni Guedes, as Copas do Mundo para os brasileiros são verdadeiros rituais nacionais, construção simbólica da unidade nacional.⁴⁴ A autora se refere às Copas do Mundo de Futebol Masculino, nas quais realmente se verifica uma grande comoção nacional, capaz de paralisar diversas atividades cotidianas para que as pessoas assistam aos jogos da seleção, reunidas ou não, mas com os sentimentos aflorados de identificação e representatividade. Em relação aos outros esportes, e nisso pode ser enquadrado o futebol de mulheres, Guedes afirma que a identificação coletiva é possível, desde que vitorioso, de maneira que os fracassos e as derrotas seriam ignorados.

Leda Costa compreende que após a consolidação da seleção de futebol masculina com o tricampeonato em 1970, a imprensa brasileira passou a fomentar um clima de favoritismo, sendo o caminho do título vislumbrado como natural. Assim, quando a trajetória da seleção é interrompida por uma eliminação, a imprensa e a sociedade buscam encontrar um vilão para explicar o ocorrido.⁴⁵

O que se percebe em relação a eliminação da seleção brasileira do Mundial de 1991, contrariando a ideia de Guedes é que, pelo menos por parte da imprensa, existiu uma preocupação em explicar o fracasso. Porém, diferentemente do que acontece nas eliminações da seleção masculina, em que se elege um vilão para culpar, conforme observou Costa, no caso da seleção das mulheres o argumento para o

⁴³ A jogadora Cenira, por exemplo, teve problemas com Eurico Lira. Ela chegou a acusar o dirigente de ser mandada embora do Radar porque estava grávida e, além disso, o dirigente tentou impedir a atleta de jogar pelo Vasco da Gama. BATISTA. *Entre a proibição e a primeira seleção*, p. 132.

⁴⁴ GUEDES. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspense” e história.

⁴⁵ COSTA. *A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo*.

mau desempenho esteve atrelado a questões extracampo, como a falta de infraestrutura e planejamento. De certa maneira, a seleção feminina representava o futebol brasileiro, que é historicamente vitorioso por meio da seleção masculina. Assim, os meios de comunicação precisavam explicar e justificar os desempenhos ruins da seleção, pois a lógica seria que ela também obtivesse sucesso.

Um exemplo da maneira que a mídia buscou justificar o desempenho das brasileiras se encontra na matéria escrita por Oldemário Touguinhó, intitulada “As diferenças estão fora de campo”. O jornalista concluiu que a eliminação precoce da seleção foi reflexo do atraso da modalidade no país, destacando que:

Diante das bem preparadas profissionais norte-americanas e europeias a seleção nada mais pôde fazer do que lutar muito.
[...] A diferença entre o futebol praticado nos EUA e na Europa e o brasileiro começa fora de campo. Enquanto os brasileiros levaram uma comissão técnica inexperiente em competições internacionais, as equipes mais fortes tinham técnicos e preparadores físicos de alto nível, experimentados em confrontos entre seleções.⁴⁶

Oldemário complementou escrevendo que uma outra diferença entre o futebol brasileiro e o europeu/norte-americano foi a ausência dos gramados das jogadoras desde 1988 e os poucos jogos internacionais realizados pela seleção brasileira. Bruna Fernandes analisou essa mesma notícia em sua dissertação da seguinte forma:

Porém, o jornal não se propõe a tratar a participação da seleção como algo bem visto. Se as jogadoras estavam paradas desde 1988 e conseguiram mesmo assim compor uma equipe para disputar o Mundial, seus esforços poderiam ser enaltecidos, mas num sentido oposto foram inferiorizados. Nem mesmo a equipe técnica escapava a tais contestações e subordinações a outros países. A mídia insistia em enfatizar que as seleções do Mundial estavam muito à frente do futebol feminino brasileiro.⁴⁷

Ao contrário de Fernandes, não compreendo que o jornalista inferiorizou os esforços das jogadoras brasileiras. Não apenas nessa matéria, mas também em outras, Oldemário salientou a luta e o empenho das jogadoras brasileiras. Fernandes também aponta que a mídia insistia em enfatizar a superioridade das seleções do Mundial diante da seleção brasileira. Isto, porém, era um fato incontestável, tendo em vista que

⁴⁶ Oldemário Touguinhó, As diferenças estão fora de campo, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 35.

⁴⁷ FERNANDES. *O paradoxo está em jogo*, p. 58-9.

na Europa e nos Estados Unidos a categoria contava com clubes e campeonatos consolidados e jogadoras bem remuneradas, enquanto no Brasil as jogadoras estavam sem jogar há anos pois os clubes de futebol feminino foram extintos. Além disso, as seleções europeias e estadunidense contavam com uma infraestrutura profissional, ao passo que a seleção brasileira contava com pouquíssimos recursos.

Alguns dias após a eliminação da seleção, o *Jornal do Brasil* publicou uma matéria que ocupava praticamente uma página inteira e nela, o jornalista Oldemário Touguinhó, fazia um panorama sobre a participação brasileira na competição.

Brasil não acompanha evolução do futebol feminino

Michelle, estrela jogadora da Copa

Faltava quase tudo à equipe

Clássico milanês movimentado Itália

Classificados JB

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1 de dez. 1991, 1º Caderno, p. 34.

O título da matéria “Brasil não acompanha evolução do futebol feminino” indica bem que o ponto central abordado pelo jornalista foram as diferenças entre o futebol de mulheres no Brasil e em outros países. Dessa forma, Oldemário expõe que

enquanto as jogadoras brasileiras ficaram paradas desde 1988, em países como a Suécia existiam aproximadamente 600 mil jogadoras em quatro divisões. Uma outra diferença apontada diz respeito ao preconceito sofrido pelas mulheres que jogam futebol no Brasil, as quais são acusadas de serem masculinizadas. De acordo com o jornalista, nos países de primeiro mundo as mulheres começavam a jogar futebol desde cedo, pois não existia preconceito.⁴⁸ A trajetória do futebol de mulheres no Brasil perpassa por preconceitos e estereótipos que se mantêm até hoje e em muitos momentos foram e ainda são corroborados pela imprensa. Conforme explicita Franzini, o futebol não é só um espaço esportivo, mas sociocultural, carregado de valores que estabelecem limites do que é ou não adequado, sendo as relações de gênero um elemento determinante nessas limitações.⁴⁹ É claro que essa lógica sofre mudanças ao longo da história, mas, ao mesmo tempo, algumas permanências podem ser observadas, como é o caso da noção de que futebol é um esporte para homens.

Um ponto que merece ser levantado é que mesmo sem jogar desde 1988, a seleção conseguiu se classificar para o Mundial após vencer o Campeonato Sul-Americano em 1991. Nesse sentido, Oldemário explica que:

Convocada a seleção, apesar da escassez de praticantes, os problemas não acabaram aí. A saúde da maioria das convocadas era péssima. Vindas de famílias pobres, havia casos de verminose e anemia. Como tinha que disputar a eliminatória na América do Sul para assegurar uma vaga no Mundial, a sorte do Brasil foi não possuir no continente adversários à altura. Com isso, venceu fácil o Chile (6 a 1) e a Venezuela (6 a 0), no Sul-Americano disputado em Maringá, em abril.⁵⁰

A quantidade de participantes da América do Sul nas eliminatórias é um dado que chama atenção. Para a Copa do Mundo masculina realizada no ano anterior, 9 seleções participaram das eliminatórias. Já no Campeonato Sul-Americano que concedeu a vaga para a seleção brasileira no Mundial apenas 3 equipes participaram. Isso sinaliza que, se o Brasil estava distante das europeias e norte-americanas na

⁴⁸ Oldemário Touguinhó, Brasil não acompanha evolução do futebol feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 de dez. 1991, 1º Caderno, p. 34.

⁴⁹ FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”.

⁵⁰ Oldemário Touguinhó, Brasil não acompanha evolução do futebol feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 de dez. 1991, 1º Caderno, p. 34.

modalidade, outros países da América do Sul estavam ainda mais, tendo em vista que sequer possuíam uma seleção nacional.

Em outra parte da matéria, Oldemário destacou que “Faltava quase tudo à equipe: até vitamina era feita no quarto e servida em balde”. Mais uma vez o jornalista expôs as diferenças entre a seleção brasileira e as suas adversárias, escrevendo que:

O Brasil não tinha condições de ganhar o Mundial, nem mesmo de fazer uma boa participação. Enquanto as equipes de outros países desembarcaram na China amparadas num forte esquema, como o próprio Brasil faz com a sua seleção masculina de profissionais ao disputar uma Copa do Mundo, a delegação feminina brasileira chegou quase indigente. Tinha apenas boa vontade. A CBF montou um esquema amador, para enfrentar adversários altamente profissionais

[...] A dificuldade começava com a alimentação. As jogadoras, acostumadas à comida brasileira, não se adaptavam aos pratos chineses. Para minimizar o problema, a chefia da seleção providenciava frutas, leite e biscoitos. Muitas jogadoras chegaram a comprar chocolates para suprir em parte a deficiência alimentar. E mesmo a preparação de vitaminas era feita de forma precária, com o massagista Luis usando o liquidificador em seu quarto e distribuindo o alimento num balde de plástico. Enquanto isso, as norte-americanas e suecas cuidavam de sua alimentação diretamente na cozinha dos hotéis.⁵¹

Se no contexto de preparação para o Mundial a seleção brasileira era apon-tada como uma incógnita por Oldemário, após a participação no campeonato o jornalista chegou à conclusão de que não existia possibilidade de ela fazer sequer uma boa campanha. Não por conta da falta de qualidade das jogadoras, mas sim pela infraestrutura precária montada pela CBF para a seleção. Isso, contudo, não era uma novidade, tendo em vista que no Mundial Experimental de 1988 também realizado na China, a jornalista Claudia Silva, que realizou a cobertura do evento pelo *Jornal dos Sports*, relatou problemas semelhantes, inclusive com a adaptação das jogadoras à culinária chinesa. Verifica-se, portanto, um descaso total da CBF com as jogadoras e com a comissão técnica enviada, que diante das dificuldades tiveram que improvisar até mesmo para se alimentar.

No universo esportivo, é comum que após as eliminações os jornalistas peçam aos atletas, técnicos e dirigentes para propor soluções aos problemas enfrenta-

⁵¹ Oldemário Touguinhó, Brasil não acompanha evolução do futebol feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 de dez. 1991, 1º Caderno, p. 34.

dos e, às vezes, os próprios jornalistas realizam proposições. Nesse sentido, a jogadora Marisa disse: “Precisamos manter essa seleção em atividade e, ao mesmo tempo, começar a investir nas escolas, para formarmos novos valores. [...] Há uns cinco anos, a Dinamarca e a Suécia iam no Brasil e perdiam da gente de goleada. Agora, elas é que estão *matando* a gente”.⁵²

Na mesma matéria, a jogadora Cenira concordou com Marisa e destacou que o incentivo do futebol feminino nas escolas era muito importante, uma vez que em casa os pais das meninas tinham vergonha de dar uma bola para a filha por conta dos comentários dos vizinhos. Esse preconceito sofrido pelas praticantes da modalidade é apontado por todas as jogadoras da seleção como o grande entrave ao futebol feminino brasileiro. Nas palavras da atacante Adriana: No Brasil, futebol é coisa de homem. Na Europa e nos Estados Unidos é muito diferente. Lá, o futebol é considerado um esporte apropriado para a mulher praticar porque é menos violento do que o futebol americano ou rugby.⁵³

Por ser compreendido socialmente como coisa de homem, as meninas não eram incentivadas a praticar o esporte e, quando possuíam interesse em jogar bola, existiam grandes chances de sofrerem preconceito. Como Adriana fez faculdade nos Estados Unidos, sabia que lá o futebol era um esporte socialmente aceito para as mulheres.

Apesar dos conflitos e divergências entre o treinador Fernando Luis e o coordenador Eurico Lira, os dois concordavam em um ponto, segundo Oldemário Touguinhó:

Num ponto, os dois concordam e vão levar suas sugestões à CBF. É preciso uma reformulação no futebol feminino, que inclui torneios internacionais e uma seleção permanente. Além disso, defendem a realização de campeonatos infantis nas escolas, para incentivar o surgimento de novas jogadoras.⁵⁴

De acordo com o jornalista do *Jornal do Brasil*, na chegada da seleção ao Brasil, existia um consenso entre jogadoras e membros da comissão técnica a respeito

⁵² Oldemário Touguinhó, As diferenças estão fora de campo, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 35.

⁵³ Oldemário Touguinhó, As diferenças estão fora de campo, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 35.

⁵⁴ Oldemário Touguinhó, Seleção feminina em crise retorna hoje, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 de nov. 1991, Esportes, p. 5.

do futuro da seleção. “Se o Brasil não fizer um planejamento sério para o próximo Mundial, em 1995, outro fracasso será inevitável”.⁵⁵

Oldemário também opinou sobre o que deveria ser feito para que a seleção feminina conseguisse resultados melhores futuramente. Na concepção dele:

Se no futuro quiser melhor desempenho em competições desse nível, a CBF terá que, a curto prazo, manter uma seleção em atividade, realizar um Campeonato Brasileiro e tentar aumentar o número de praticantes da modalidade. E incentivar a prática desde cedo em colégios e federações.⁵⁶

Comparando os discursos das jogadoras, de Fernando Luis e Eurico Lira e de Oldemário Touguinhó, é possível perceber um consenso de que era necessário a CBF manter uma seleção permanente e incentivar a prática da modalidade nas escolas para que surgissem novas jogadoras.

Pode-se dizer que foi a partir desse evento que se desenvolveu uma cultura no futebol de mulheres no Brasil: após encerramentos de ciclos em competições importantes como Copas do Mundo ou Jogos Olímpicos, as jogadoras aproveitam a visibilidade midiática para reivindicar mudanças e investimentos na modalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação da seleção brasileira no primeiro Campeonato Mundial organizado pela FIFA foi tratada pelo *Jornal do Brasil* no âmbito da pré-agenda como uma incógnita. Apesar de reconhecer o terceiro lugar alcançado pela seleção em 1988, o fato de as jogadoras terem ficado paradas por quase três anos não permitia saber o que esperar. O que ficou nítido a partir das notícias que abordaram a viagem da seleção para a China foi o descaso da CBF com as jogadoras que representariam o país no Mundial, tendo em vista que nem mesmo uma alimentação de qualidade foi fornecida para as jogadoras durante o longo período de viagem.

Pode-se dizer que a campanha da seleção foi marcada por crises e conflitos envolvendo as jogadoras, o treinador Fernando Luís e o coordenador Eurico Lira. De

⁵⁵ Oldemário Touguinhó, No desembarcar da seleção, saudades do feijão, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 15.

⁵⁶ Oldemário Touguinhó, Brasil não acompanha evolução do futebol feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 de dez. 1991, 1º Caderno, p. 34.

acordo com o que foi relatado por Oldemário Touguinhó, Eurico questionava as escolhas do treinador, acusando-o de não conseguir ajustar a equipe, ao passo que Fernando reclamava da interferência de Eurico em suas decisões. Ao perceberem a falta de credibilidade do treinador, as jogadoras decidiram mudar por conta própria o esquema tático da equipe, adotando o mesmo estilo de jogo sob o qual foram vitoriosas quando jogaram pelo Radar. As notícias indicam que não existia uma unidade no elenco da seleção na briga travada entre Lira e Pires, de maneira que um grupo de atletas se posicionou a favor de um e outro grupo se posicionou a favor de outro.

Com a eliminação na primeira fase, Oldemário Touguinhó buscou justificar a derrota, apontando os motivos que impediram a seleção de obter um bom desempenho na competição. Em mais de uma matéria, o jornalista explorou as diferenças entre a seleção brasileira e as seleções europeias e dos Estados Unidos. De acordo com Oldemário, tais seleções levaram para a China uma equipe estruturada que contava com profissionais qualificados como cozinheiros, fisioterapeutas e preparadores físicos. Nessa lógica, é possível inferir que as representações atreladas à eliminação do Brasil estiveram associadas a falta de infraestrutura fornecida as atletas e a preparação malfeita pela CBF.

Por fim, as matérias produzidas após a eliminação também tiveram como pauta as perspectivas de mudanças. Assim, jogadoras, comissão técnica, dirigentes e o próprio jornalista fizeram proposições do que seria necessário para que o futebol feminino se desenvolvesse no país e chegasse com uma seleção mais forte para o próximo Mundial, em 1995. Um consenso entre todos que opinaram era a necessidade de uma seleção permanente e o investimento nas escolas, para que novos talentos da categoria fossem formados. Por parte das jogadoras, a principal causa do entrave para o desenvolvimento da modalidade era o preconceito sofrido pelas mulheres que praticavam o futebol. Na visão delas, o fato do esporte ser considerado uma atividade para homem, afastava as meninas que cogitavam se inserir no universo futebolístico. Já em outros países como os Estados Unidos, por exemplo, as mulheres que jogavam futebol não sofriam preconceito, segundo as jogadoras da seleção. Por ser um momento de visibilidade midiática, após encerramentos de ciclos ou eliminações em eventos importantes como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, foi desenvolvida uma cultura no futebol de mulheres no Brasil que perdura até

os dias de hoje e pôde ser observada ao fim do Mundial de 1991, que é a reivindicação de melhorias e investimentos.

* * *

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Boas de bola**: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 2013.

BATISTA, Victor Hugo Gonçalves. **Entre a proibição e a primeira seleção**: representações de gênero no futebol de mulheres (1965-1988). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2022.

BORELLI, Viviane. O esporte como construção específica no campo jornalístico. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais eletrônicos**. Salvador 2002.

BORELLI, Viviane. Jornalismo como atividade produtora de sentidos. **BOCC-Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, p. 1-11, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Juliana Ribeiro; GOELLNER, Silvana Vilodre. **As pioneiras do futebol pedem passagem**: conhecer para reconhecer. Editora Ludopédio, 2022.

CABRAL, Juliana Ribeiro; GOELLNER, Silvana Vilodre. As pioneiras pedem passagem: memórias do Torneio Experimental da China (1988). **Ludopédio**, São Paulo, v. 154, n. 17, 2022.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Algés: Difel, 2002.

COSTA, Leda Maria da. **A trajetória da queda**: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Educação e Humanidades: Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FERNANDES, Bruna Rafaela Esporta. **O paradoxo está em jogo**: as representações da mídia impressa sobre a seleção brasileira feminina de futebol na década de 1990. Dissertação (Mestrado em Educação Física – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, 2005.

GABRIEL, Bruno José. **A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizada pelo caderno de esporte da folha de S. Paulo (1991-2011)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

GABRIEL, Bruno José. **O futebol da seleção brasileira feminina: uma análise das coberturas esportivas da *Folha de S. Paulo* (1991 – 2016)**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspensão” e história. In: XXIII Reunião Brasileira de Antropologia. **Anais eletrônicos**. Gramado, 2002.

HAAG, Fernanda Ribeiro. **“O futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele”**: o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil. Tese (Doutorado em História Social) - Departamento de História-FFLCH, USP, São Paulo, 2023.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves Magalhães; CORDEIRO, Janaína Martins Cordeiro. O poder na torcida: consenso, futebol e ditadura no Brasil (1970) e na Argentina (1978). **Faces de Clio**, Juiz de Fora, v. 2, n. 4, p. 1-19, 2016.

MEDINA. Depoimento de Asaléa de Campos Fornero Medina (Léa Campos) ao Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte Escola de educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180542>. Acesso em: 15 de jul. 2025.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Futebol, identidade nacional e construções midiáticas**: o futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

NEVES. Oldemário Touguinhó: ex-jornalista esportivo. **3º Tempo**, s/d. Disponível em: <https://bit.ly/4nN7Jk1>. Acesso em 15 de jul. 2025.

PESSANHA, Nathalia Fernandes. **Nem Evas, nem Marias**: as mulheres no futebol brasileiro (1941-1983). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024.

PINHO, José Antônio Gomes de. Futebol, nação e o homem brasileiro: o “complexo de vira-latas” de Nelson Rodrigues. **O&S**, Salvador, v. 16, n. 48, p. 141-67, 2009.

SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). Dissertação. (Mestrado em História Social) - São Paulo: Departamento de História-FFLCH, Universidade de São Paulo, 2015.

* * *

Recebido em: 31 mar. 2025
Aprovado em: 15 jul. 2025